



Milhares de manifestantes ocupam as escadarias da Assembléia Legislativa do Rio.

### Breve contexto

As manifestações que sacudiram o país, inicialmente contra o aumento das passagens, trouxeram novamente a ação direta das ruas como um paradigma de luta. Evidenciaram também os limites do governismo, das práticas burocráticas e das políticas neo-desenvolvimentistas do governo federal em atender os anseios da juventude, de setores precarizados da classe trabalhadora e de outros grupos sociais explorados. Os protestos generalizados animaram novamente entidades, organizações políticas, movimentos sociais e trabalhadores/as que conseguiram uma vitória significativa, ao baixar o preço da passagem em várias cidades. Ainda que a vitória seja parcial e alguns de seus frutos tenham sido manipulados pelos governos (na maioria das cidades, as prefeituras subsidiarão os empresários), os protestos de rua, as ocupações de avenidas e paralisações de estradas figuraram novamente como instrumentos de luta massivos e as pautas de luta não se esgotaram nos “20 centavos”. Nesse contexto, um instrumento importante no Rio de Janeiro foi o Fórum de Lutas

contra o Aumento, que reuniu diversos setores de luta, inclusive o libertário, como também movimentos sociais, ativistas independentes, organizações políticas e outros grupos.

Ao mesmo tempo em que as manifestações traziam fórmulas de luta históricas e combativas da classe trabalhadora, presenciou-se também a tentativa da direita de infiltrar-se nos atos. E um dos fatores que ajudou bastante na tentativa de apropriação das manifestações por parte de setores ultra conservadores e de direita foi o deplorável trabalho da mídia burguesa no esvaziamento das pautas de luta e das reivindicações. Primeiro, esforçaram-se em silenciar as demandas populares (de décadas de opressão sofrida acumulada) a generalizações como “contra a corrupção” e “o gigante acordou”. Segundo, buscaram caricaturar os manifestantes (“vândalos”, “baderneiros”) e apontar “bodes expiatórios” no interior dos protestos para dividir a esquerda, já bastante fragmentada. Assim, setores de ultra-direita (minoritários) tentaram surfar na onda ufanista defendida pela mídia monopolista (Rede Globo, etc.),

## AS LUTAS SOCIAIS NO RIO DE JANEIRO E A CONSTRUÇÃO DO PODER POPULAR

causando confusão nos atos. Mas foram neutralizados na organização dos atos seguintes e na maior participação popular com movimentos sociais nas manifestações. Por sua vez, os partidos políticos tem também responsabilidade neste processo por conta de suas práticas políticas burocratizadas, eleitoreiras e descoladas do povo, gerando uma descrença generalizada na via partidária enquanto meio de mudança. E os setores reacionários da direita aproveitaram-se disso. Mas diante do oportunismo de partidos de esquerda defendendo o governismo, contra um possível “golpe de direita”, nós fincamos pé na via do poder popular. Pois sabemos que muitas das pautas da direita estão contempladas pelo governo PT e seus aliados (PC do B, PMDB, PSB, etc.).

### A resistência popular e o oportunismo de setores da esquerda

Com o avanço da luta as práticas burocráticas de setores da esquerda foram questionadas por muitos manifestantes. Práticas que tem graves limites como a prioridade da esquerda institucional em disputar aparatos sindicais e estudantis em detrimento do fortalecimento das bases. Uma relação de aparelhamento e instrumentalização de movimentos sociais (tratados pelos partidos como “correia de transmissão” de suas posições, já elaboradas de cima para baixo). Toda vez que sindicatos burocratizados ou partidos tentaram monopolizar os atos nos “palanques eleitorais” (carros

de som), sofreram a oposição da voz coletiva e a resistência popular generalizada. A tática “manjada” de colocar dezenas de bandeiras de partidos na frente dos atos foi contraposta com a tática de se dar destaque às demandas populares dos protestos. O movimento expôs também a falta de inserção social de grande parte da esquerda com os desempregados/as, na favela, na juventude pobre e precarizada (que são fundamentais no processo de aprofundamento das pautas populares). Expôs políticas equivocadas que centram esforços na conquista do aparato estatal, nas eleições burguesas ou no fortalecimento de mandatos parlamentares ditos “combativos” por alguns setores, mas marcados pelo personalismo e o legalismo burguês no rito do voto. Expôs os limites da defesa de uma polícia “cidadã” (quando até a ONU recomendou a extinção da Polícia Militar no Brasil) e do apoio de certas legendas de esquerda, num passado recente, às greves dessa corporação. Enquanto isso, a PM mostrava sua “consciência de classe” massacrando manifestantes nas ruas e chacinando 13 moradores do Complexo da Maré.

“Da periferia aos centros e de volta à periferia: chacina na Maré” ..... **pág 2**

“A luta contra o aumento das passagens e o Anarquismo” [excertos] CAB ..... **pág 3**

Notícias Libertárias ..... **pág 4**

## A violência e o terrorismo do Estado: os vândalos são os vestem farda

À luta do povo nas ruas o governo respondeu com violência e terrorismo. Na favela usou balas de verdade, no asfalto balas de borracha, gás lacrimogêneo e spray de pimenta. Com ajuda da mídia oficial criminaliza os que lutam, rotulando os manifestantes de “violentos” e “baderneiros”. Neste sentido, podemos afirmar que a resistência dos manifestantes é um grito de indignação contra a violência cotidiana que nosso povo sofre. Esta forma de resistência coletiva e de luta parece rapidamente generalizar-se e não pode ser vinculada a uma única ideologia política, ou ser tachada como uma ação de “grupos minoritários”, como faz a mídia burguesa. **Isso porque esta forma de resistência é fruto da ação e da experiência coletiva.** Nós, trabalhadores/as, sofremos coletivamente todo o descaso dos governos, a exploração dos empresários/latifundiários e a precarização dos serviços públicos. **Tudo isso é uma forma de violência contra o povo. Todas as formas que o povo usa para se defender dessa violência são legítimas!** O povo organizado nos movimentos populares do campo/cidade, manifestando-se por justiça, não pode ser criminalizado, agredido ou preso por protestar! Precisamos nos organizar para avançar nas conquistas populares.

### O Poder Popular nas bases e nas ruas: é hora de avançar!

A ação direta e popular das ruas precisa estar lastreada por uma inserção de base em locais de trabalho, moradia e estudo. Um trabalho cotidiano com protagonismo dos movimentos populares, que seja também referência àqueles que hoje vão às ruas, enquanto espaços de inserção e organização das classes exploradas e oprimidas. Não basta só ir às ruas. Precisamos construir/fortalecer instrumentos de luta nos bairros, nas periferias, nos territórios de resistência e lutas camponesas/quilombolas, nos espaços estudantis e sindicais, em correspondência e em diálogo com os anseios dos trabalhadores e estudantes que tomam as ruas. Precisamos também ter pautas claras, baseadas nas necessidades do nosso povo (educa-

ção, saúde, moradia, cultura, etc.). O fôlego das ruas precisa ser alimentado com um trabalho perseverante de organização de base, que grande parte da esquerda abandonou em troca da disputa de direções sindicais, de cargos no governo ou mandatos parlamentares ditos “combativos”. Nós da FARJ investimos energias nesse movimento desde as bases às ruas, e das ruas às bases, entendendo que sem um setor amplo de oprimidos/explorados as manifestações encontrarão sérios limites. Os estudantes, por exemplo, tem um papel importante a cumprir, mas sabemos pelas experiências históricas em que os oprimidos/as foram derrotados/as, que sem os organismos de base dos/as trabalhadores/as do campo e da cidade o poder popular será um sonho inatingível. **O poder popular** parte de pautas concretas que visam a melhoria das condições de vida das classes populares e é construído no cotidiano das lutas. Ao construirmos poder popular a partir das bases, lutamos por estas melhorias sem nos focar em questões eleitorais/eleitoreiras. O poder popular é construído a longo prazo e não são as eleições que definem seu ritmo, mas sim a nossa capacidade de organização e de acúmulo de **força social**. Precisamos de movimentos sociais que não fiquem reféns do governo, nem sejam cooptados por ele, que tenham **total** democracia interna e que não percam sua autonomia.

Em vez de voltar atrás e recuar das ruas vemos neste momento histórico a possibilidade de avançar, **com inteligência, estratégia e organização** e onde for necessário, resgatar autonomia, fortalecer e ampliar as bases dos movimentos sociais para dar um salto qualitativo. Precisamos resgatar a credibilidade de um projeto revolucionário neste cenário, e nós anarquistas, entre outros militantes, temos um papel fundamental enquanto a ala libertária do socialismo. Neste sentido, nós da FARJ há quase dez anos e, em maior grau, a Coordenação Anarquista Brasileira (composta de 9 organizações em diversos estados do Brasil), modestamente continuamos para construir um referencial de luta junto com outros/as companheiros/as e movimentos populares, no campo e na cidade.

**Anarquismo é luta!!!  
Lutar, Criar, Poder Popular!!!**

## Da periferia aos centros e de volta à periferia: chacina na Maré



O fim da ditadura militar no Brasil não acabou com as práticas repressivas da Polícia Militar sobre as classes populares. O papel e função desta instituição mantém-se o mesmo desde então: fazer valer e garantir os interesses das classes dominantes e do capital, levando adiante o rolo compressor das imposições de governantes e de suas políticas públicas em prejuízo do povo.

Desde a “democratização” do país, temos testemunhado cada vez mais a territorialização das ações violentas da PM nas periferias, favelas e subúrbios das cidades, mantendo-se as práticas mortais e repressivas dos “anos de chumbo” contra os pobres (jovens negros principalmente) e os “subversivos”. Para isso, as forças repressoras e o capital contam com a cumplicidade de empresas e corporações que monopolizam os meios de comunicação. Estas, que sempre fizeram o jogo do poder, lucram com notícias mentirosas e tendenciosas e colaboram bastante para estigmatizar as favelas como espaços de violência e de desordem, construindo o discurso de que estas comunidades seriam um “caso de polícia” que somente a violência do Estado pode conter.

Nas fronteiras dos estados e municípios, armas e drogas passam pelas barbas das “autoridades”, que muitas vezes são cúmplices do tráfico. Nas favelas, policiais apreendem drogas e armas para revendê-las aos próprios traficantes e, depois de matá-los, as vendem novamente. Nenhum governo (mesmo um de “esquerda”), desde a ditadura, tem se preocupado com este processo, ao contrário, tem o levado cada vez mais ao extremo. E muitos partidos de esquerda defendem a ideia absurda da

possibilidade de uma polícia militar cidadã! Uma polícia que não reprima os pobres é um sonho absurdo dentro do capitalismo. O aparato repressivo do Estado é um de seus pilares de dominação; é uma das condições estruturais deste sistema. Esse Estado criou uma unidade policial que tem como símbolo uma caveira com uma adaga enterrada e duas pistolas cruzadas, e que nasceu com o lema: “Homem de preto, qual é sua missão? Entrar na favela e deixar corpos no chão!” E tem tido muito sucesso referente a esta missão: milhares de corpos sobretudo de jovens, no chão das favelas marcam a história da violência policial das últimas décadas.

Ao eclodirem, de um dia para o outro, mobilizações históricas por todo o Brasil, a PM viu-se forçada a atuar no asfalto, disparando bombas e balas de borracha contra distintos segmentos sociais. Teve que enfrentar milhares de celulares e máquinas fotográficas que registraram seus atos de violência. Naquele momento, amplos segmentos puderam sentir na pele o quanto a violência estatal é desumana e a que grau pode atingir. Uma prática brutal que, na verdade, é regra, e não exceção. De repente, nas ruas, moradores de bairros (reconhecidos enquanto tal pelo poder público) puderam sentir junto com moradores de favelas a violência sistemática do Estado.

Na quinta-feira, 20 de junho, a violência policial foi das periferias até o Centro do Rio de Janeiro para caçar milhares de manifestantes, deixá-los em pânico, botá-los para correr, machucá-los e prendê-los. Fazendo o que sempre fazia nas periferias e favelas, a PM de repente viu-se alvo de críticas, teve suas ações

registradas e publicadas por diversos meios de comunicação livres e não dominados pela mídia corporativa.

“O Fuzil AR-15 deve ser utilizado em guerra, em operações policiais em comunidades e favelas. Não é uma arma para se utilizar em área urbana”. (Rodrigo Pimentel, Comentarista de “Segurança” da Rede Globo). Supostamente criticando a atuação da PM durante a passeata dos 100 mil, essa “avaliação” do “especialista” em (des)segurança pública, Rodrigo Pimentel (proferida em 18 de junho no RJ-TV da Rede Globo),

**“O Fuzil AR-15 deve ser utilizado em guerra, em operações policiais em comunidades e favelas. Não é uma arma para se utilizar em área urbana”. (Rodrigo Pimentel, Comentarista de “Segurança” da Rede Globo)**

ecoou pelas favelas: mais mortes estariam por vir. A raiva de terem que usar balas de borracha nas manifestações. A vontade de darem o exemplo e calarem de imediato a voz do povo. Im-

pedir que cada vez mais a onda de revolta nas ruas se espalhasse pela cidade. Todos estes elementos tiveram seu papel quando, no dia 24 de junho, **a PM entrou na favela da Maré para matar.** Tudo isso, catalisado ainda mais pela vontade de vingarem a morte de um policial, o terrorismo de Estado resultou em uma noite de terror e morte para os moradores das favelas Nova Holanda e Rubens Vaz. Nesta chacina, que aconteceu do dia 24 para o 25, os fatos nunca serão todos revelados. Corpos somem, mortes a facadas sem deixar provas da arma utilizada, sangue nas camas e nos pisos das casas dos moradores deixam inúmeras evidências do ocorrido. Mas já era esperado que alguém fosse sentir as consequências dessa atuação mortal. E depois, vem ci-

nicamente todo aquele papo de perícia, de “os excessos serão apurados” e o discurso padrão para produzir o consenso, e blá, blá, blá!

**“Com esta polícia não tem diálogo, somente resistência!”**

**“Não vem dizer agora, com UPP melhora. Até a ONU veio avisar, a PM tem que acabar!”**

### **A resistência popular na Maré**

Os moradores, junto a instituições não-governamentais que atuam há anos nas favelas da Maré, não iriam aceitar uma

segunda noite de terror. Chega! A pressão destas entidades e a força popular nas ruas juntaram-se para proteger a vida dos moradores da Maré. Em uma passeata na tarde de terça-

feira, 25 de junho, que foi crescendo à medida que buscava seu caminho pelas vias da favela, os moradores pararam em frente ao Caveirão (carro blindado da polícia militar para ações nas favelas), que ainda estava posicionado no meio da Rua Principal. E então, os moradores gritaram: “Não, não, não, não queremos Caveirão!” e “Não somos os culpados pela morte do policial, somos trabalhadores, queremos viver!”. Imagine o grito de alívio quando o blindado partiu e, de fato, deixou a favela: “Expulsamos o Caveirão!” A passeata terminou na Passarela 9, de onde tinha saído, encontrando a frente um segundo Caveirão, que ainda estava estacionado na beira da Avenida Brasil. Chegando a noite, a Rua Principal estava sem luz, e com mais pressão das entidades comunitárias e o apoio de di-

versas entidades de direitos humanos, que vieram até o local, conseguiram tirar, pelo menos por esta noite também, este segundo tanque de guerra. Um grupo dos manifestantes ficou para fazer vigília na entrada da favela Nova Holanda, reforçado por um grupo que veio depois de participar da Plenária do Fórum Contra o Aumento da Passagem: “PM, FORA DA MARÉ!”.

No Fórum, foi combinado um ato em frente à Secretaria de Segurança Pública, às 9h do dia seguinte, que infelizmente (mas talvez não de surpresa) não contou com o número de pessoas que se empolgaram na noite anterior para abraçar esta causa, que é a causa de tod@s nós. **Chega de violência sistemática da Polícia!** O corte de classe ainda está profundo. Ter notícias

da violência que ocorre é uma coisa, senti-la é outra. O querer é uma coisa, o necessitar é outra. Mas entende-se que além de toda solidariedade e da necessidade de estarmos juntos, a construção do poder popular para acabar com a violência sofrida pelas classes populares continuará ocorrendo nas periferias, e a partir das periferias. O trabalho do policial não é apertar parafusos, nem dar aula, tampouco rejeitar um piso, **o trabalho da polícia é prender e matar pobres.** A favela já sabe disso há muito tempo, parte da esquerda precisa aprender. E neste momento histórico, no qual o povo está tomando as ruas, é também nas ruas que os moradores das favelas estão, para exigirmos todas e todos juntos: **“Fim da Polícia Militar, já!”**

## **A luta contra o aumento das passagens e o Anarquismo\***

### **CAB - Coordenação Anarquista Brasileira**

#### **O contexto da nossa luta**

Nesse primeiro semestre houve diversas mobilizações de norte a sul do Brasil que enfrentaram a reação conservadora dos governos, do aparelho repressivo e da mídia. Desde as lutas em defesa do transporte público nas capitais, passando pelas greves nos canteiros de obras do PAC, até a resistência indígena dos povos originários, todas essas lutas foram alvos da criminalização do protesto que segue em curso no país sede da Copa do Mundo. Vivemos um dos momentos mais agudos da luta de classes no Brasil. O capital internacional avança diariamente a passos largos, explorando os trabalhadores e as trabalhadoras na busca do lucro.

#### **Resistência dos/as oprimido/as x Violência do Opressores**

Uma consequência dessa lógica do capitalismo se expressa no transporte. Somos diariamente violentados. Esperamos em intermináveis filas, viajamos horas em transportes superlotados e sem manutenção, correndo risco de vida. Sofremos com o a violência da ganância, do descaso, da roubalheira, das máfias das empresas de transporte público, ajudadas pelos governantes a lucrarem cada vez mais. Mas quando o povo vai para as ruas reclamar contra esta injustiça o que acontece? É violentado! Tropas de choque, gás lacrimogêneo, spray de pimenta, bombas, balas de borracha à queima roupa que podem cegar ou até matar. Todo um aparato de guerra é usado contra o povo, e dezenas de manifestantes são presos e feridos pela polícia. Tanto a truculência da polícia e o descaso do poder público para o social, quanto o desrespeito que os empresários do transporte público nos fazem passar diariamente, **todas estas são formas de violência contra o povo. E todas as formas que o povo usa para se defender contra esta violência são legítimas.** Toda forma de resistência, ainda que com táticas distintas é legítima. A violência em todos os atos SEMPRE começou com a polícia, a fiel defensora das elites e da burguesia. Polícia, que curiosamente foi apoiada em sua última greve por legendas políticas de esquerda que hoje caluniam o anarquismo para “encontrar” um bode expiatório que divida a nossa luta.

#### **Lutar não é crime**

O povo, organizado nos movimentos sociais, manifestando-se por justiça, não pode ser criminalizado, agredido ou preso. Devemos ter cuidado com a estratégia dos



Continuação da página 3.

poderes dominantes de criminalizarem “individualmente” militantes e ativistas que lutam contra o aumento da passagem. Muitos já estão com processos nas costas por lutarem. Lutar não é crime! Não podemos deixar que nossos companheiros/as sejam criminalizados/as! Essa criminalização deve ser denunciada! Essa é a verdadeira face da democracia burguesa, escondida de dois em dois anos nas urnas e propagandas eleitorais mas que mostra suas garras quando surge a resistência! **Não podemos reforçar dentro das nossas fileiras o discurso de criminalização daqueles que lutam tentando encontrar bodes expiatórios no nosso movimento. Todos/as aqueles/as que saem às ruas para se opor a máfia dos transportes são ilegais por natureza,** pois enfrentam a burguesia e o Estado de “direito/a”.

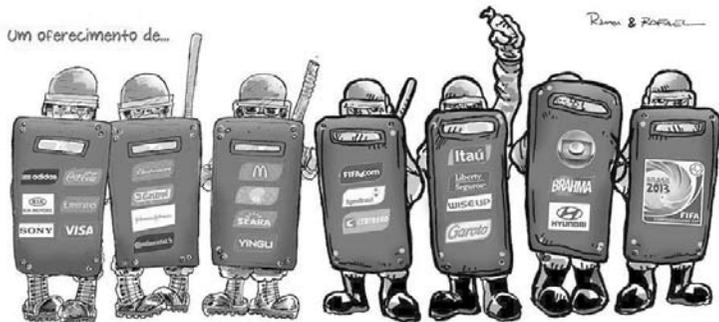
### A verdade que incomoda: um movimento que não foi capturado

O que mais incomoda algumas legendas políticas é o fato deste movimento social, que saiu as ruas para enfrentar o governo e os patrões, não ter sido capturado por nenhuma vanguarda “esclarecida” ou partido político. É propício lembrar que alguns desses partidos que hoje condenam do alto de sua arrogância as fraquezas desse movimento popular/estudantil diziam algum tempo atrás informalmente por seus militantes “que não haviam condições objetivas para se fazer essa luta”. Felizmente eles foram contrariados e até mesmo, arrastados pela vontade da luta popular que moveu milhares. Esse movimento, apesar de compartilhar muitos princípios comuns ao nosso setor libertário e também com táticas de luta da classe trabalhadora **não pode ser claramente identificada a nenhuma ideologia política** apesar de em seu interior conter diferentes ideologias da esquerda. O movimento também não surgiu de nenhum partido político, apesar de ter sido construído com esforço de muitos militantes de partidos, o que deve ser valorizado. **Isso não significa que este movimento não tenha problemas.** Mas como diria um histórico companheiro da esquerda é “melhor dar um passo com mil do que mil passos com um” e vamos seguir trabalhando para construir e organizar melhor a luta contra o aumento das passagens junto com outros setores políticos sem a pretensão de nos tornarmos “os donos do movimento”.

Temos consciência das inúmeras deficiências e obstáculos que precisamos enfrentar e que enfrentaremos dentro dessa luta. No entanto, também temos consciência de nossa sinceridade, modéstia e firmeza naquilo que nos propomos. Nos últimos 10 anos temos participado em maior ou menor grau de diversas lutas, construções, embates na América Latina e no Mundo e, independente das divergências com outras tradições do Socialismo exigimos respeito. Estamos juntos e lado a lado na luta pelo Socialismo e pela Liberdade e daqui não nos retiraremos. Seguiremos na luta contra o aumento do transporte em diferentes Estados à despeito da calúnia da mídia burguesa e de infelizmente, alguns setores políticos.

### Derrotar o aumento pela organização popular coletiva, de base e pela força das ruas!!! Lutar, criar, poder popular!!!

\* *Excertos, leia o texto completo em [www.farj.org](http://www.farj.org)*



# Notícias Libertárias

**Nota de falecimento:** O companheiro *Luís Fernando de Jesus* partiu aos 65 anos no fim de março. Militante histórico na gênese do MST no estado do Rio de Janeiro, participou da ocupação de Campo Alegre e do primeiro congresso do MST, em 1985. Foi importante agente da CPT e, em 2007, propôs relações dos pequenos agricultores da baixada com o MPA. Dirigente da *Cooperativa de Produtores Rurais de Campo Alegre*, foi pioneiro da Escolinha de Agroecologia, da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro e da Educação do Campo. A sua atuação na Feira da Roça foi decisiva para que esta alcançasse o nível de organização e desenvolvimento atual. Luís foi um dos que mais se empenhou para a volta das áreas rurais no município de Nova Iguaçu. Com ele, nós militantes da FARJ aprendemos muito sobre a luta camponesa. Que a terra lhe seja leve. Luís da CPT, presente!!!

**Abril campesino:** 17 de Abril é um dia muito importante para os camponeses de todo o mundo, pois nesta data, em 1996, ocorreu o Massacre de Eldorado dos Carajás no sul do Pará. Para recordar esse dia de infâmia, a Via Campesina escolheu como o dia mundial da luta pela terra. No dia 15/04 participamos do ato pela *Reforma Agrária e Justiça no Campo* organizado pelo MST, em parceria com a Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa e Direitos Humanos da ABI. No próprio dia 17 houve panfletagem na feira da roça de Nova Iguaçu pela manhã e, a noite, atividade do CELIP. No dia 18 foi realizado um mutirão de agrofloresta no Sítio Nossa Senhora da Glória, em homenagem ao companheiro Luis Fernando de Jesus e sua família, relembrando sua trajetória de luta para a criação do Assentamento Rural Marapicu em Nova Iguaçu/RJ. “Agronegócio, só traz pobreza. Propomos para o mundo AGRICULTURA CAMPONESA!!!”

**Inaugurado o Fórum Fluminense da Educação do Campo (FoFEC):** Reunidos no dia 15/06, no CIEP Travessão (Campos dos Goytacazes/RJ), represen-

tantes de diversos territórios do estado do Rio de Janeiro: sujeitos do campo; instituições e representações de vários movimentos sociais do campo (MPA, CPT e MST); sindicais (FETAG e SEPE) e educadores e educandos das licenciaturas em Educação do Campo (ISEPAM e UFRRJ); do Projovem Campo-Saberes da Terra; estudantes da UENF e representantes de associações de Quilombolas. A fundação do FoFEC em terra goitacá alimenta nossa mística de luta por terra para quem nela trabalha e contra o agronegócio (mão de obra escrava, agrotóxicos, monocultura). Reconhecemos a trajetória e o acúmulo histórico do “Coletivo EduCampo”, surgido a partir de 1998, atuando no Norte Fluminense. Esse fórum promete a soma dos esforços em nível estadual focando dentre outras bandeiras:

- *Enfrentar a dificuldade de acesso e de permanência na Educação do Campo, por uma organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;*
- *Fortalecer a participação dos movimentos sociais na Educação do Campo, potencializando as ações da Via Campesina;*
- *Dentro do âmbito da diversidade dos sujeitos do campo, garantir atenção à especificidade dos povos tradicionais do campo, dos pescadores artesanais, extrativistas, povos ribeirinhos, atingidos por barragens, além dos pequenos agricultores, dos sujeitos acampados e assentados das áreas de Reforma Agrária;*
- *Denunciar e lutar contra a violência no campo, contra a criminalização dos movimentos sociais e lutar contra a política de fechamento e de nucleação das escolas do campo.*

O e-mail [fofec@gmail.com](mailto:fofec@gmail.com) foi criado para garantir a socialização das informações e o próximo encontro acontecerá no Quilombo do Campinho, Paraty/RJ, em meados de setembro. “Não vou sair do campo pra poder ir pra escola, educação do campo é direito e não esmola!!!”

**Libera, 2.500 exemplares. Subscrições para esta edição:**

*Campos, Cav Negro, Durden Poulain, Flor de Laranjeira, Jack, Katonigra, Rudesindo, Seu Antenor, Cauã, Brujo.*

Apoie o Libera você também: [farj@riseup.net](mailto:farj@riseup.net)